

## Baixo no choro: por que não?

**Danilo Penteado**  
outubro de 2009

A minha relação com o choro surgiu de uma vontade de criar uma linguagem pessoal no baixo elétrico dentro da música brasileira.

Quando entrei na UNICAMP, em 2001, estava ouvindo e estudando muito o contrabaixo elétrico tendo como base baixistas americanos como Jaco Pastorius e, principalmente, Victor Wooten. Esses músicos usam o instrumento de forma muito criativa tanto conduzindo como solando. Porém, num certo momento, notei que aquela forma de tocar não expressava muito bem o que eu queria passar com a minha música.

Comecei a prestar mais atenção na forma de tocar dos grandes mestres da música brasileira e senti que eles falavam de um assunto diferente. Foi quando tomei consciência das diferentes linguagens musicais e que em cada uma delas existe um vocabulário distinto. Uma linguagem musical é formada por seus elementos rítmicos, harmônicos e melódicos e por certos recursos interpretativos que resultam em diferentes "sotaques". Quanto mais conhecimento tivermos de suas características, mais propriedade e liberdade teremos para nos expressar com cada uma delas.

Por exemplo: no blues existe o predomínio do uso das escalas pentatônicas na formação das melodias que normalmente nos remetem ao jeito dos negros americanos cantarem; já na bossa nova, as melodias são geralmente formadas por extensões dos acordes (sétimas, nonas, décimas-primeiras e décimas-terceiras) e as interpretações são mais intimistas.

Então em 2001, tivemos a idéia de montar o Quatro a Zero, um grupo de choro mas com uma formação que foi pouco usada no gênero: guitarra, contrabaixo elétrico, piano e bateria.

Estes instrumentos carregam uma carga idiomática muito forte de outros estilos: a maior parte das referências das quais temos contato vêm de universos como o jazz, o rock ou a música pop. Foi um desafio e tanto para nós conseguirmos criar um modo convincente de tocá-los dentro do choro. Para isso tivemos que buscar referências musicais que pudessemos aplicar nos nossos instrumentos.

O primeiro passo foi ouvir como cada grupo de choro funcionava: o modo como o solista interpretava, os ritmos e as variações rítmicas possíveis, as estruturas das composições (formas, harmonias e melodias), etc.

Na minha função de baixista, comecei a prestar muito atenção no jeito que o violão de 7 cordas conduz as harmonias de cada música tecendo melodias que servem como contraponto à melodia principal e criando variações rítmicas que complementam as levadas do cavaco e do pandeiro.

Pensei que, já que eram melodias no grave, quanto mais conhecimento eu tivesse das construções melódicas do gênero, mais possibilidades eu teria para criar linhas de baixo. Foi então que comecei a tirar as melodias de composições de Pixinguinha, Jacob do Bandolim e Radamés Gnattali, entre outros. Esse exercício me deu muito material para a construção da minha concepção melódica tanto para composições quanto para improvisações.

Porém o meu intuito não era fazer uma adaptação literal do violão de 7 cordas para o contrabaixo mas, além disso, usar os recursos técnicos que este instrumento permite. Existe uma diferença de tessitura entre os dois instrumentos (o contrabaixo soa uma oitava abaixo do 7 cordas) portanto algumas frases soariam emboladas se eu as tocasse na mesma região que os violinistas tocam (com as cordas soltas). Então tive que criar um meio termo entre o uso das baixarias nas notas mais agudas do baixo e a marcação rítmica (mais próxima do surdo no samba) nas notas mais graves.

Como exemplo posso citar 2 músicas do CD Porta Aberta: Camondongas e Bicho Mau. As duas são choros rápidos, porém na primeira uso uma marcação mais sambada, evidenciando o segundo tempo e deixando mais espaço para o solista (no caso o Nailor Proveta) e na segunda faço mais contrapontos melódicos criando uma segunda melodia.

Além disso, foi crucial perceber como existem diferentes tipos de intenção nos ritmos que compõem o choro como por exemplo no maxixe, com a síncopa bem marcada e uma sensação "para trás", ou na polca, com a marcação dos dois tempos mais regular lembrando o som das tubas nas bandas de música.

Uma vez que só toco choro no baixo elétrico com o Quatro a Zero, o grupo se tornou um ótimo laboratório para testar novos jeitos de abordar cada composição. Temos uma liberdade quando tocamos que talvez venha da formação jazzística que também tivemos durante a faculdade, principalmente no aspecto da improvisação. Então toda vez que tocamos uma música, tento variar as linhas de baixo e ouvir como elas soam no contexto do grupo.